

Encontros Pessoais com Jesus Cristo

Pe. E. Edward Kinerk, SJ

Tradução: Anna Margarida Nogueira

Studies in the Spirituality of Jesuits 48/3 (outono de 2016)
Conferência dos Jesuítas de Canada e dos Estados Unidos
Washington, DC, EUA

Acredito que este livro breve, *'Encontros Pessoais com Jesus Cristo'* escrito pelo Pe. E. Edward Kinerk, SJ pode ajudar muitos cristãos leigos a desenvolver uma vida espiritual de maior amizade e intimidade com Jesus ressuscitado.

É o número 48/3 (outono de 2016) da série *Estudos na espiritualidade de jesuítas (Studies in the Spirituality of Jesuits)*, publicados pelo Instituto para Estudos Jesuítas Avançados em Boston College, e disponível no site

<https://www.bc.edu/bc-web/centers/iajs/digital-projects/Studies-in-the-spirituality-of-Jesuits.html>.

Esta série de *Estudos* é dirigida a jesuítas, mas muitos fascículos têm grande utilidade para leigos também, especialmente leigos de espiritualidade inaciana.

O Pe. Barton T. Geger, SJ, redator chefe da série, gentilmente autorizou a tradução e divulgação em português deste ensaio. Pode ser copiado e divulgado livremente, desde que seja incluída a atribuição à *Studies in the Spirituality of Jesuits*, mas não pode ser vendido. Agradeço tanto ao Pe. Geger pela autorização como à Sra. Anna Margarida Nogueira pela sua tradução excelente.

Bom proveito, nas conversas com Jesus!

Pe. Paul Schweitzer, SJ (revisor da tradução)

Trechos da apresentação do Pe. Geger

“Neste fascículo, “Encontros Pessoais com Jesus Cristo”, Pe. E. Edward Kinerk (UCS) reflete sobre como cultivar, por meio dos princípios encontrados nos *Exercícios Espirituais*, um relacionamento mais íntimo com Jesus. Seu ensaio é um bom exemplo de como um texto dirigido a jesuítas pode falar a todos.

“Na *Contemplação para alcançar o Amor*, S. Inácio descreve nosso amor por Jesus – e seu amor por nós – como uma “comunicação mútua”, em que cada lado compartilha com o outro o que são e o que possuem. No meu entender é aí que o ensaio de Pe. Kinerk brilha. Na sua essência, ele nos guia por uma meditação inaciana com esta mais íntima imagem. Nossa memória, nosso intelecto e nossa vontade terão cada um a sua voz nestas páginas.”

Pe. E. Edward Kinerk (da Província Centro-Sul dos jesuítas nos EUA) ingressou na Companhia de Jesus em 1966 e foi ordenado em 1972. Três anos depois obteve um doutorado em Teologia Espiritual pela Universidade Gregoriana de Roma com uma dissertação sobre C. S. Lewis. Exerceu as funções de mestre de noviços, diretor de formação e provincial e foi reitor da Universidade Rockhurst em Kansas City. Atualmente dirige a Casa de Retiros Sagrado Coração em Sedalia, no Colorado, EUA.

Encontros Pessoais com Jesus Cristo

Conversas breves, aparentemente banais entre amigos ou namorados na verdade contêm veladas expressões costumeiras de intimidade, auto-revelação, doação, vulnerabilidade, conforto e promessa. A contemplação sobre estas verdades da vivência cotidiana, e sua aplicação à oração, enriquecem nossa sensação de estar em um relacionamento pessoal com Jesus Cristo.

I. Introdução

Ha vários anos atrás, me pediram para dar uma palestra sobre espiritualidade para um grupo e adultos recém batizados. Concordei e dirigi uns oitenta quilômetros até a paróquia que me havia convidado. Infelizmente nevou naquele dia e quando cheguei me informaram que a palestra havia sido cancelada. Tentaram entrar em contato comigo mas eu já havia deixado a casa de retiro, sem levar o meu celular. As únicas pessoas que estavam lá eram os funcionários que trabalhavam com o grupo. Conversamos amavelmente por alguns minutos até que um deles perguntou se eu poderia compartilhar com eles o teor do que havia preparado para a palestra. Concordei, e depois de cinco minutos do meu resumo, uma deles comentou em tom meio desanimado “Oh, é aquela coisa sobre relacionamento com Cristo”. Fiquei desconcertado, especialmente quando ninguém estranhou o comentário dela, mas não demonstrei e disse “Bom, o que você esperava de um jesuíta?”

Não era um assunto de grande debate na época, mas o comentário me marcou, e comecei a perceber que muitos católicos não costumam pensar em termos de um relacionamento com Cristo. Certamente, muitos ou a maioria – senão todos – os jesuítas acham difícil não ter consciência desse relacionamento

quando falam sobre suas vidas espirituais, nem quando falam com outras pessoas sobre as deles. Porém eu achava difícil imaginar que um relacionamento com Cristo não fosse de alguma forma um fator consciente na vida de todo cristão.

Então o Papa Francisco entrou na vida plena da Igreja. Sua primeira mensagem para nós foi sua maravilhosa exortação apostólica *Evangelii gaudium*, “A alegria do Evangelho”. Em alguns aspectos, o documento é bem fácil de resumir. A primeira frase diz “a alegria do Evangelho enche os corações e as vidas de todos que encontram Jesus.¹” Em seguida, no oitavo parágrafo, ele escreve, “pois se recebemos o amor que devolve o sentido às nossas vidas, como podemos deixar de compartilhar esse amor com os outros?²”

Em resumo, nós devemos conhecer o amor e a alegria de Cristo e compartilhá-lo com os outros! Só para ter certeza de que todos entenderam a mensagem – e encontram a mesma alegria que o Papa Francisco evidentemente encontra – ele escreve no terceiro parágrafo:

“Convido a todos os cristãos, em toda parte, neste momento, para um encontro pessoal renovado com Jesus Cristo, ou pelo menos a se abrirem para deixar ele os encontrar; Peço a todos vocês que façam isto todo dia sem falta. Ninguém deve pensar que este convite não lhe é dirigido, pois ninguém é excluído da alegria trazida pelo Senhor.”³

Aqui o Papa exorta todos os cristãos “a um encontro pessoal renovado com Jesus Cristo... a cada dia sem falta”. Bem, eu não

¹ *Evangelii gaudium*, 1.

² *Evangelii gaudium*, 8.

³ *Evangelii gaudium*, 3.

duvido que todo jesuíta tem e valoriza um relacionamento com Cristo. Seria impossível fazer os Exercícios Espirituais sem passar a conhece-lo melhor e sem nos compartilharmos com ele, pelo menos nos colóquios. Além do mais, nos denominamos ousadamente *companheiros de Jesus*. Neste ensaio, gostaria de propor uma forma de aprofundar esse relacionamento ao colocar a determinação do Papa de nos encontrarmos diariamente com Cristo em diálogo com o preceito de S. Inácio de Loyola (1491-1556) de “encontrar Deus em todas as coisas”. Quero oferecer algumas considerações sobre como encontrar Cristo com frequência em meio a uma vida apostólica agitada, e a minha esperança é que isto poderá beneficiar qualquer cristão que, como a maioria de nós jesuítas, está envolvido pelo barulho e a agitação do nosso mundo contemporâneo.

S. Inácio, ele próprio um místico, valorizava a oração; porém era cuidadoso ao não permitir que orações prolongadas se tornassem a vocação jesuíta, ou mesmo a única maneira pela qual um jesuíta deveria buscar o Senhor. Nesse ponto, ele notou que, para um jesuíta com liberdade interior, “um quarto de hora basta para unir (aquele jesuíta) a Deus em oração.⁴ A seguir, nas *Constituições*, Inácio escreveu que seminaristas devem alocar uma hora diária para dois “examens”, o Ofício de Nossa Senhora, e quaisquer outras orações para preencher o tempo.⁵ Quanto a encontrar Deus em todas as coisas, em certa ocasião ele perguntou a um jesuíta, que lhe contou que encontrava Deus principalmente na solidão e ao orar em particular, “Como assim? Você não encontra proveito no auxílio ao próximo? Pois esta é a nossa prática.”⁶

⁴ Luís Gonçalves da Câmara, *Memoriale*, n. 196, in *Fontes narrative de S. Ignatio de Loyola et de Societatis Jesus initiis* (daqui em diante *FN*), 4 volumes (Roma, 1943-65), I, 644. Tradução do Autor.

⁵ Cons. 342

⁶ Gregorius Rosephius, *FN*, III, 515. Tradução do Autor.

Neste sentido, S. Inácio rezava formalmente, mas também encontrava Deus várias vezes ao longo de um dia agitado, incluindo nos momentos em que ajudava ao próximo. O biógrafo jesuíta Pedro de Ribadeneira (1527-1611), ao descrever a prática do fundador escreveu:

“Nós o víamos frequentemente tomado pela visão de pequenas coisas para elevar sua mente a Deus.... Ao ver uma planta, uma folhagem, uma folha, uma flor, qualquer fruta, considerando uma pequena minhoca ou qualquer outro animal, ele se elevava acima dos céus e penetrava os pensamentos mais profundos.... E ele desejava que todos na Companhia se acostumassem a encontrar a presença de Deus em tudo e que aprendessem a levantar seus corações não apenas em oração particular mas também durante todas as suas ocupações, desempenhando-as e oferecendo-as de tal forma que eles não sentiriam menos devoção em ação do que em meditação.”⁷

Sem dúvida, encontrar Deus em todas as coisas tem uma conexão direta com a construção de nosso relacionamento com Cristo.

Nos parágrafos abaixo vou apresentar o desejo de S. Inácio utilizando a linguagem de relacionamentos e encontros. Começo salientando alguns ingredientes importantes de encontros humanos e aplicando-os aos nossos encontros com Cristo. Sugiro então que, como S. Inácio usava as mínimas coisas e os mínimos momentos para elevar sua mente para Deus, nós também podemos tirar alguns momentos aqui e ali do nosso dia agitado para encontrar Deus e assim enriquecer nosso relacionamento com ele. Ao fazer isso podemos crescer na percepção da sua presença amorosa, que por sua vez poderá nos trazer uma experiência cada vez mais profunda daquela felicidade

⁷ Pedro Ribadeira, *Vita Ignatii Loyola*, in *FN*, IV, 743. Tradução do autor.

mencionada pelo Papa Francisco e que ele demonstra tão maravilhosamente na sua pessoa.

II. O Que é um Relacionamento com Cristo?

Existem muitas maneiras de falar sobre um relacionamento com Cristo. Ele é o nosso criador, portanto temos uma relação com ele. Ele é um de nós, portanto temos uma relação com ele. Ele é nosso redentor, portanto temos uma relação com ele. Neste artigo porém, quero ressaltar o termo *relacionamento*, pois quando falo de um relacionamento com Cristo falo de um relacionamento pessoal. Por *relacionamento pessoal* quero dizer um relacionamento entre pessoas no qual existe uma troca mútua de preocupações e interesses pessoais. Neste sentido, por exemplo, um relacionamento de negócios compartilha interesses e preocupações mas não é necessariamente pessoal, já que os interesses e preocupações podem não ser pessoais. Por outro lado, dois amigos compartilham o que é significativo para eles pessoalmente e portanto tem um relacionamento pessoal. Ao longo deste artigo, quando uso o termo *relacionamento*, estou me referindo a um relacionamento pessoal.

Espera-se que a maioria dos cristãos tenha uma consciência mínima de que, até certo ponto, temos um relacionamento pessoal com Jesus Cristo. A questão passa então a ser como manter e melhorar esse relacionamento. E ainda, para a maioria das pessoas é uma questão de manter e melhorar esse relacionamento no meio do mundo agitado em que vivemos e trabalhamos. Assim, como a dimensão mais importante de qualquer relacionamento são os encontros com o outro, este artigo enfoca o que significa melhorar o nosso relacionamento com Cristo por meio de encontros frequentes com ele. É exatamente isso que o Papa Francisco nos encorajou a fazer na *Evangelii gaudium*, e Francisco também cita seu predecessor,

Bento, em referencia à importância destes encontros: “Ser cristão não é o resultado de uma escolha ética ou uma ideia elevada, e sim o encontro com um acontecimento, uma pessoa, que traz um novo horizonte e uma direção decisiva à vida.”⁸

Leva apenas um segundo para dizer “Eu te amo”, mas essas poucas palavras podem dar enorme significado a um brevíssimo encontro.

III. Elementos de um Encontro com Cristo

Um dos componentes mais importantes na construção de um relacionamento pessoal é o tempo que passamos com a outra pessoa – ou seja, os encontros pessoais. A verdade é que o impacto de qualquer encontro nem sempre depende da quantidade de tempo que se passa junto. Leva apenas um segundo para dizer *eu te amo*, mas essas poucas palavras podem dar um enorme significado a um brevíssimo encontro. Eu sugiro que devemos aumentar o número de encontros que temos com Cristo diariamente; porém não quero dizer que devemos acrescentar períodos de oração ao nosso dia. Não vou nem chamar esses encontros de *oração*, seja porque eles não substituem nossa prática diária de oração, como também porque, como explicarei mais adiante, nossa oração diária é importante para esses encontros adicionais. Além do mais, como não tomam muito tempo – geralmente apenas alguns segundos, como S. Inácio descobrindo Deus em todas as coisas – podemos acrescentar um bom número deles ao longo do nosso dia sem grande esforço.

⁸ *Evangelii gaudium*, 3; *Deus caritas est* (25 de Dezembro 2005), n. 1: *AAS* 98 (2006), 217, in *Evangelii gaudium*, 7.

Vamos tomar como exemplo um típico encontro entre pessoas. Imaginemos dois bons amigos se encontrando para almoçar. Enfoco três coisas: conexão, compartilhamento de significado, e palavras de promessa.

Jorge e Tom são amigos de infância e decidiram se encontrar para almoçar em um simpático restaurante italiano. Entram no estacionamento ao mesmo tempo, saltam dos seus carros e andam em direção um ao outro. Ao se aproximarem, as primeiras palavras de Jorge são: *“Tom, o campeonato é na semana que vem, você acha que temos chance com o craque do nosso time machucado?”*. E Jorge passa a falar das chances do time pelo qual torce. Mas enquanto Tom pode também ser torcedor do mesmo time e estar igualmente preocupado com o campeonato, foi pego desprevenido naquele momento. Em vez de comentar o campeonato, Tom solta um *“Oi Jorge! Tudo bem? Bom te ver!”* E talvez ele estivesse esperando que Jorge o cumprimentasse de forma parecida.

Então porque isto é importante? É quase uma fórmula que Jorge e Tom estariam dizendo um para o outro: *“ Oi Jorge/Tom – bom te ver!* Porque não poderiam apenas começar a falar sobre o campeonato ou qualquer outra coisa que tivessem em mente? Apesar de provavelmente não nos darmos conta, o motivo é simples: Jorge e Tom só passam a estabelecer uma conexão entre si depois de executarem uma espécie de ritual de cumprimentos. O *“Oi, bom te ver”* de Tom, e a resposta semelhante de Jorge, são muito mais do que uma simples fórmula. Estão se dizendo mutuamente : *“Eu percebo você; nós estamos no espaço um do outro e isso é bom”*. A palavra chave aqui é percepção: Tom está dizendo a Jorge que o percebe e Jorge está dizendo o mesmo para Tom. Agora eles estão no espaço um do outro e ambos percebem isso. Agora eles estão conectados. Isto é muito importante, e eu uso isso mais adiante em encontros com Cristo.

Jorge e Tom agora estão conectados. Eles se dirigem ao restaurante, conversam sobre seu time, suas famílias, trabalho, e várias outras coisas. No meio da conversa surgem assuntos que são profundamente importantes para eles. Podem ser acontecimentos ou pensamentos reconfortantes, ou podem ser preocupantes ou até trágicos: mas se Jorge e Tom são mesmo bons amigos, eles vão compartilhar o que é verdadeiramente importante para cada um. Talvez a mulher de Jorge tenha sido diagnosticada com câncer ou o filho de Tom esteja para se formar no doutorado. Pode ser algo bom ou ruim; mas é muito provável que Jorge e Tom falem de alguns assuntos pessoais significativos para eles, e cada um leva muito a sério o que o outro diz.

O almoço vai terminando, Jorge olha para o seu relógio e fala “*Nossa, tenho que pegar o meu neto no aeroporto, vou ter que ir daqui a pouco.*” Nesse momento os dois não se levantam correndo e saem na hora: eles seguem um ritual. Eles terminam de falar sobre o que estavam conversando, pagam a conta e andam até o carro mais próximo, onde então se despedem. Antes de chegarem a dizer adeus, Tom fala “*Jorge, senti muito saber sobre o câncer de sua mulher; estarei rezando por vocês.*” E Jorge poderá dizer a Tom, “*Parabéns para o seu filho; eu sei que o sucesso dele é muito importante para você.*” Todos nós fazemos isso em situações parecidas. Não nos damos conta, mas ao final de um bom papo de almoço, quando estamos nos despedindo, quase sempre relembramos algum assunto da conversa com mais ênfase. Geralmente algo mais significativo. Mas porque fazemos isso? Por um lado é uma maneira de dizer *Eu realmente estava escutando você; nós estávamos conectados.* Por outro lado, é uma promessa para o futuro: *Nós vamos continuar esta conversa; nossa conexão tem um futuro.*

Claro que existem diferenças marcantes entre uma relação com um amigo próximo e nossa relação com Cristo. Afinal, Cristo é Deus e não nos encontra em forma física como nosso amigo. Dito isto, existem alguns paralelos importantes, pois enquanto Cristo também é Deus, nós somos apenas humanos e devemos nos relacionar com os outros, incluindo Cristo, como humanos. Ao desenvolver um método para estes breves encontros com Cristo ao longo do nosso dia, podemos focar nos três elementos relacionados de conexão, compartilhamento de significado e palavras de promessa.

A. Conectando

Em nossos encontros com Cristo é importante que nos conectemos com ele conscientemente. Apesar de ele estar sempre presente e consciente de nós, devemos fazer a nossa parte para que essa conexão ocorra, e o fazemos da mesma forma que Jorge e Tom estabeleceram a deles. Talvez não vamos usar as mesmas palavras – *Oi Cristo, tudo bem?* – mas precisamos sim nos conscientizar que Cristo está presente e que ele está consciente de nós. Isto se assemelha a nos colocarmos na presença de Deus, mas existe uma diferença significativa: ou seja, eu me conscientizo não apenas de que Cristo está presente mas que *Cristo está consciente de mim*. Certo, Cristo está sempre presente em toda parte, e ele é ciente de todos e de tudo. Mas eu preciso me conscientizar explicitamente disso quando me conecto com ele. Devo imaginar que estou recebendo a atenção exclusiva de Cristo, o que posso fazer porque a atenção de Cristo é infinita. E não preciso necessariamente usar palavras para fazê-lo. Uma maneira simples consiste no uso da palavra de Jesus a Maria Madalena depois da Ressureição, quando ela pensou que Jesus era o jardineiro. Ele disse carinhosamente: “Maria” (João 20:16). Da mesma forma, podemos imaginar Jesus pronunciando o nosso

nome carinhosamente. Ao fazer isso eu estou consciente dele, e me torno ciente de que ele está consciente de mim.

Mas quanto tempo isto deve levar? Alguns segundos, não mais do que isso. Quando Tom e Jorge se cumprimentam, não ficam se repetindo até acertarem. Eles o fazem e seguem adiante. Porém, depois de fazer o mesmo com Cristo, posso achar que quero permanecer naquele momento de conscientização um pouco mais ou até por um período mais longo, se as circunstâncias permitirem. E quando devo fazê-lo? Quando estiver rezando – ou mesmo em qualquer momento que quiser encontra-lo – seja apenas por alguns segundos ou, como nas minhas orações diárias, por muito mais tempo. Pessoalmente tenho notado que estabelecer essa rápida conexão no início das orações diárias, além dos rápidos encontros mais frequentes, traz uma consciência da Sua presença que perdura até quando minha atenção está voltada para outras coisas.

Santo Inácio faz algo semelhante com a Oração Preparatória nos *Exercícios Espirituais*.⁹ Ao nos dirigirmos a Deus logo no início da nossa oração, estamos de fato nos conectando com Deus ao nos conscientizarmos tanto de Deus quanto de sua consciência de nós. A diferença é que nos *Exercícios*, S. Inácio dá uma nuance especial a essa conscientização ao nos fazer pedir que tudo seja orientado para Deus em um movimento de liberdade espiritual. Em contraste, nos encontros frequentes que discuto aqui, a ênfase é primeiro sobre a conscientização em si: *Eu me conscientizo de que ele está consciente de mim*. Nuances específicas, tais como a liberdade espiritual, podem então fluir dessa conscientização durante o encontro e até receber uma

⁹ *Ex. Esp.* 46. Santo Inácio solicita ao exercitante começar cada meditação ou contemplação com uma Oração Preparatória pedindo a “Deus nosso Senhor pela graça de que todas as minhas intenções, ações e operações, sejam direcionadas apenas ao louvor e serviço de sua Majestade Divina”.

expressão concreta nas palavras de promessa ao final do encontro.

B. Compartilhando o Significado Pessoal

Em nosso relacionamento com Cristo, nós compartilhamos nosso significado pessoal com ele e ele compartilha o dele conosco. Como nosso significado envolve o que quer que seja importante para nós em determinado momento, não precisamos debatê-lo longamente aqui. Entretanto, vale notar que a intenção clara dos Exercícios Espirituais é de nos ajudar a saber o que realmente queremos ao invés daquilo que talvez achamos que queremos.¹⁰ Nos termos do nosso relacionamento com Cristo, isto significa que às vezes o estar em Sua presença traz a liberdade interior de se desligar de preocupações menos importantes e se voltar para outras mais profundas. Em outras palavras, eu posso sair de um encontro até curto com Cristo com uma perspectiva muito diferente **sobre o que tem significado pessoal para mim.**

Por outro lado, podemos nos perguntar o que tem significado pessoal para Cristo. Santo Inácio se volta para essa mesma questão nos *Exercícios*. No Terceiro Preâmbulo e ao longo da Segunda Semana, ele estimula o participante do retiro a pedir um “conhecimento mais íntimo de Nosso Senhor, que se tornou humano para mim, para que eu possa amá-lo mais e segui-lo mais de perto”¹¹ De fato, é impossível ter um relacionamento significativo com alguém sem passar a conhecer e apreciar aquela pessoa cada vez mais e compreender o que essa pessoa considera signifiante. O mesmo é verdade para o nosso relacionamento com Cristo. Quanto mais nos aproximamos dele, mais apreciamos

¹⁰ *EE* 1.

¹¹ *EE* 104.

quem ele é e o que ele fez por nós, e mais queremos nos envolver com ele.

As próximas três seções discutem o significado pessoal de Cristo em relação a três temas: (1) confiando que Cristo me ama, (2) conhecendo Cristo e apreciando Sua maneira de ser, e (3) vestindo a mente de Cristo.

1. Confiando em ser amado/a por Cristo

Pode parecer estranho a princípio, pensar na minha própria compreensão de que sou profundamente amado por Cristo como sendo pessoalmente significativo para ele. Por outro lado, se Cristo deu a sua vida por cada um de nós, então ele iria querer que soubéssemos e apreciássemos o quanto ele nos ama. Mas acreditar que isto é verdade e interiorizar isso de fato são coisas bem diferentes.

Após muitos anos dando direcionamento espiritual, ouvindo as histórias de várias pessoas, incluindo jesuítas e acompanhando retiros, não tenho dúvida de que é difícil para todos nós confiar que somos de fato amados por Deus. Lembro que há uns seis anos atrás eu estava rezando em um balanço na casa de retiros onde trabalho. Como sou um administrador inveterado, minha oração estava sendo distraída por coisas que eu precisava fazer. Finalmente, depois que a meia hora terminou, eu usei o meu celular para ligar para o meu escritório para deixar uma lista de afazeres para mim mesmo. Devo confessar que sempre acho estranho telefonar para mim mesmo. Quando a secretaria eletrônica atendeu eu falei meu costumeiro “Ah, sou eu”, depois disse a minha lista de três coisas (são sempre três). Depois veio a parte difícil. Por mais que já tenha feito isso várias vezes, sempre me parece grosseiro desligar sem dizer *tchau*, mas porque eu me despediria de mim mesmo? De qualquer forma, dessa vez – e

ainda me arrepio quando me lembro – eu disse, como despedida, “E não esqueça que Cristo te ama.” Depois, sobressaltado, desliguei.

Na manhã seguinte, quando cheguei ao meu escritório a luz do telefone estava acesa, avisando que havia uma mensagem de voz. Havia várias mensagens. Escutei atentamente e fui anotando as primeiras. Então uma voz estranha – nunca reconheço a minha voz em uma gravação – surgiu. Por um micro segundo eu pensei: *Quem é essa pessoa mal educada?* Mas logo me dei conta que era eu. Escutei a mensagem do dia anterior e tomei notas. Quando terminei de anotar a lista lembrei das palavras de despedida que eu havia deixado no dia anterior, nesse momento quase deletei a mensagem. Felizmente algo me impediu e me obriguei a me escutar dizendo a mim mesmo que Jesus me amava. Acabei deixando a mensagem na secretária eletrônica durante vários meses e em uma ou duas ocasiões, me forcei a ouvi-la de novo. Cada vez que a escutava, me sentia incomodado; mas achava avassalador que apesar de ter passado a minha vida garantindo às pessoas que Deus as amava, eu ainda tinha dificuldade em acreditar que fosse verdade para mim.

Porque acho tão difícil acreditar nisso? Não sei dizer ao certo, mas acho que tem muito a ver com o fato de que não podemos conquistar ou merecer o amor de Deus. É pura doação e portanto está além do nosso controle. Certamente, o amor de alguém nunca é plenamente conquistado ou merecido, nem tampouco controlamos o sermos amados por outros. Porém, isso provavelmente não nos incomoda tanto. Por certo, outros seres humanos não são Deus, mas mesmo assim os amamos. Talvez exista um outro motivo, que possivelmente não quero admitir totalmente, nem para mim mesmo: o amor pode ser assustador, e amor infinito pode ser muito assustador. Por que? Porque o amor sempre exige uma resposta. Se alguém chega perto de mim e diz:

Estou loucamente apaixonado por você, e quero você, não posso apenas balançar a minha cabeça, falar sobre o tempo e me afastar. Preciso responder, e responder de tal forma que ou rejeito a oferta de amor dessa pessoa – Sinto muito, mas não estou interessado – ou faço algo que vai encorajar o prosseguimento de um relacionamento. O amor de Cristo não é diferente, exceto que a enorme dimensão do seu amor exige uma resposta, uma resposta cada vez mais forte da minha parte: seja uma resistência feroz ou uma entrega profunda. Talvez para não resistir enquanto ainda sinto medo de uma entrega profunda, prefiro manter a minha consciência desse amor a uma certa distancia.

Em relação a essa questão, a sensação crescente ou até a experiência concreta da presença constante e amorosa de Cristo ao longo do dia, não pode deixar de trazer uma confiança crescente de que somos amados, e um medo atenuado desse amor. Lembro de uma ocasião ha pouco tempo quando trouxe à mente sua presença e de alguma forma pensei: *Será que estou me enganando? Porque Você gostaria de estar comigo?* Nesse instante veio o pensamento de volta, com uma ponta de humor: *Oh pelos céus, Ed, eu dei a minha vida por você! Como pode pensar que não quero estar com você?*

Em resumo: quanto mais tempo passamos com o amante, mais garantias recebemos de que somos amados; e mais queremos sentir esse amor. Além disso, é importante que quando nos tomamos consciência de sua presença, nos tomemos consciência que ele está amorosamente ciente de nós. Finalmente, nunca devemos deixar momentos de vergonha ou culpa nos afastar desses encontros; certamente são as ocasiões em que mais os necessitamos.

2. Conhecendo Cristo e Apreciando Sua Maneira de Ser

Quando desenvolvemos um relacionamento profundo com uma outra pessoa, passamos a saber cada vez mais sobre ela e sua maneira de ser. O mesmo acontece em nosso relacionamento com Cristo. Naturalmente não precisamos nos preocupar com Cristo passando a nos conhecer. Ele nos conhece, apesar de às vezes ser benéfico termos a experiência de nos compartilharmos conscientemente com ele. Quero oferecer aqui algumas pensamentos sobre como podemos conhecê-lo, pois tal como um casal traz uma longa história para cada encontro, nós também trazemos uma história e um conhecimento de Cristo para cada novo encontro. A seguir eu exploro três formas pelas quais passamos a conhecer Cristo que continuam a renovar e nutrir nosso conhecimento sobre ele durante nossas vidas: a comunidade cristã, as Escrituras e a experiência pessoal.

a. A Comunidade Cristã

A comunidade cristã, compreendida como sendo o povo de Deus, é o lugar onde nosso conhecimento de Cristo se inicia, se nutre e se confirma. Seria impossível neste curto artigo analisar em detalhes como a comunidade cristã molda nosso conhecimento de Cristo, mas podemos desenvolver alguns elementos básicos. Primeiramente, a maioria de nós aprendeu com outras pessoas sobre Cristo, antes de ler sobre ele nas Escrituras e ter uma experiência pessoal. Até a experiência de Cristo que tivemos na infância foi moldada e nutrida por outras pessoas, especialmente as da nossa família. À medida que crescemos no nosso conhecimento de Cristo, companheiros cristãos continuam a nos apoiar e a desafiar esse conhecimento. Basta apenas lembrarmos dos cristãos cujas histórias lemos nos Atos dos Apóstolos. São Paulo e outros sentiram o Espírito de

Cristo dentro de si mas em seguida precisaram buscar a comunidade para dar forma e significado àquela experiência.

Desenvolvendo este ponto, note que existem várias maneiras pelas quais recebemos ajuda da comunidade cristã. A mais óbvia é através da participação em atividades da Igreja, especificamente a celebração da Eucaristia. Para jesuítas eu escolheria três outras maneiras: compartilhando nossa fé com outros – incluindo nossos irmãos jesuítas – leituras espirituais e o ministério. Neste último, nós conhecemos Cristo por meio daqueles a quem servimos, especialmente os pobres.

b. As Escrituras

Além de irmos ao encontro de Cristo através da comunidade, também o encontramos por meio das Escrituras. Tive o privilégio de dirigir várias pessoas na experiência completa dos Exercícios Espirituais. Entre eles me lembro de dois que eram acadêmicos e ensinavam estudos bíblicos em universidades. Nem preciso dizer que a experiência profissional deles foi uma dádiva nos momentos em que as Escrituras eram citadas durante o retiro. Eu também aproveitei o conhecimento deles. Por outro lado, esse conhecimento era também uma distração, que eles reconheciam ao se depararem com a dificuldade que encontravam para colocar de lado a análise de uma determinada passagem da Bíblia e poderem entrar nela de fato. Luke Timothy Johnson escreve sobre isso em *Vivenciando Jesus: Conhecendo o Coração do Evangelho*.¹² Um dos seus pontos principais está contido no título: nosso objetivo não é aprender sobre Jesus, mas sim conhecer o próprio Jesus. Claro que um conhecimento das Escrituras é importante para nós como jesuítas

¹² Luke Timothy Johnson, *Living Jesus: Learning the Heart of the Gospel* (New York; Harper Collins, 1999).

e pode ajudar qualquer cristão a conhecer o Senhor. Mas o intuito dos Exercícios em geral, e de um relacionamento com Cristo em particular, não é apenas saber sobre o Senhor Ressuscitado, mas também conhecer o próprio Senhor Ressuscitado.

Quero oferecer algumas ideias sobre como conhecer Jesus com a ajuda das Escrituras, especialmente dos Evangelhos. Imagine que você tem um filho que acabou de voltar de uma viagem de um semestre fora do país. Você manteve contato constante com ele enquanto estava fora, e você sabe que foi uma experiência transformadora para ele. Um dia, várias semanas depois de ele ter voltado, vocês estão sozinhos em casa e ele pergunta se você gostaria de ouvir mais sobre a viagem dele. Você concorda e durante as próximas horas ele relata acontecimentos significativos e descreve como o afetaram de forma duradora. Enquanto ele fala, uma parte de você o acompanha na viagem, imaginando os acontecimentos que ele vai descrevendo, enquanto uma outra parte sua vai percebendo, em tempo real, a transformação que aconteceu no seu filho. Em resumo você o está conhecendo e apreciando de novo.

Sob essa perspectiva, considere os Evangelhos como a história do Cristo Ressuscitado. É por meio deles que passamos a ter um conhecimento maior sobre a sua presença amorosa em nossas vidas. A esta altura as Escrituras são bem conhecidas para a maioria de nós. Nós as estudamos, ouvimos as leituras durante a missa há anos e as pregamos e ensinamos. Mas por serem tão familiares, precisamos voltar a dirigir o nosso foco para elas – talvez repetidamente – para conhecer Jesus mais. Uma maneira de fazer isso, que pode trazer uma nova perspectiva e uma profundidade maior ao significado das Escrituras, é lê-las em voz alta a sós. A leitura das Escrituras em voz alta nos leva a pesar mais as palavras para lhes dar a entonação e o ênfase corretos, o que por sua vez nos traz maior significado no próprio ato da

leitura. Além do mais, para ter uma experiência ainda mais íntima de Jesus através das Escrituras, tente ler os Evangelhos, em voz alta ou silenciosamente, na primeira pessoa do singular; ou seja, leia-os como se você fosse Jesus contando a sua própria história. E por que não? Afinal o Jesus Ressuscitado está em você. Lembre também que as Escrituras são a sua história divinamente inspirada, e nós acreditamos que a sua palavra, seja historicamente precisa nos detalhes ou não, pode nos levar à verdade sobre quem e como ele é.

Em vários aspectos, toda a vida de Cristo foi uma tentativa de compartilhar conosco o que era importante para ele e a Trindade. Assim quando dizemos que as Escrituras são inspiradas, estamos dizendo que Deus quer que saibamos essas coisas. Ele quer que saibamos quem Cristo era e é, e o que foi e é importante para ele. Em resumo: nos meus encontros com Cristo – na minha oração, na minha reflexão sobre as Escrituras e na minha vida diária – estou tentando aprender o que é importante para ele agora para que eu possa conhecê-lo melhor, amá-lo mais completamente, e fazer minhas as Suas preocupações.

c. Experiência Pessoal

A experiência é muito importante, mas é, claro, difícil de descrever por ser diferente para cada um. A experiência pessoal – nossa própria história – é simultaneamente particular e de certa forma reveladora, já que todo relacionamento, incluindo um relacionamento com Cristo, é único.

Quando orientam retiros, especialmente os dedicados aos Exercícios completos, os diretores muitas vezes pedem aos exercitantes para contarem suas histórias. Os diretores não estão interessados em nomes, datas e CPFs, mas sim em conhecer suas histórias espirituais – as histórias de sua relação com, e

experiência de Deus. Embora conhecer as suas histórias pode ajudar os diretores, a verdadeira plateia é a própria pessoa que conta sua história. Assim, nosso relacionamento pleno com Cristo não é um acontecimento específico ou uma experiência uniforme, mas sim uma série de acontecimentos e experiências que se conectam e provocam mudanças. No meu caso, o meu relacionamento com Cristo mudou através das décadas – ainda bem! – mas também possui uma continuidade.

Costumo perguntar aos exercitantes qual é a sua primeira lembrança de Deus. Faço isso porque me lembro de uma experiência singela porém profunda de Cristo que tive aos sete anos. Eu tinha acabado de brincar e me divertir com alguns amigos, na volta para casa resolvi parar e balançar no balanço que havia no jardim dos vizinhos. Lembro de sentir que Deus estava satisfeito por eu ter me divertido tanto. Naquele momento não dei muita importância a essa percepção além de notar que era uma sensação boa. Mas o simples fato de ainda me lembrar dessa experiência a torna importante. Olhando para trás, eu entendo o significado dessa experiência de uma forma mais profunda – em particular, eu vejo como aquele acontecimento, visto como uma experiência do amor e da percepção de Deus, tanto fortalece quanto é moldado por experiências ou impressões posteriores de Cristo em minha vida.

Reconhecer Cristo na comunidade Cristã, nas Escrituras e através da experiência pessoal é muito importante para a nossa relação contínua com Cristo. De forma parecida, a relação de um casal que está casado há vários anos tem uma história que continua se desenvolvendo, mas aquela história também permeia tudo que acontece. Por exemplo, um cônjuge às vezes sabe o que o outro está pensando antes do próprio se dar conta. Essa história – esse conhecimento – é muito importante em um relacionamento. Assim, também, o nosso conhecimento do Cristo – de como ele é – acrescenta imenso significado aos breves

encontros que temos durante nosso dia. Alguns momentos de nos conscientizarmos dele e de sua percepção de nós podem conter volumes de comunicação não falada. Às vezes minha simples percepção de estar andando com ele por um corredor muda tudo que faço depois. Deste modo, embora não houvesse comunicação verbal, não era preciso. Ele é amor perfeito, e mostra o que isso significa. Só isso é necessário.

3. Vestindo o Pensamento de Cristo

Ocasionalmente encontro casais de idosos que parecem ter semblantes idênticos. Olhando com atenção vejo que não são de fato iguais; mas acho que se conhecem tão bem e convivem tanto que passam a ter as mesmas expressões faciais e respostas físicas, o que os torna parecidos. Não chega a surpreender que depois de muitos anos de alegrias e tristezas, mas acima de tudo compromisso e amor, os cônjuges passaram a “vestir” o pensamento do outro. Afinal, eles se conhecem tão bem que não apenas antecipam o desejo do parceiro ou parceira, como chegam até a pensar que é o seu próprio desejo.

Da mesma forma, não surpreende que à medida que o nosso relacionamento com Cristo se desenvolve começamos a “vestir” o pensamento de Cristo. Esta é a terminologia de São Paulo no hino maravilhoso no segundo capítulo de suas cartas aos Filipenses (2:5).¹³ À medida que passamos a conhecer Cristo, passamos a

¹³ O hino completo citado (Filip 2:5-11) segue abaixo:

“Tende em vós os mesmos sentimentos que foram em Cristo Jesus.

Ele embora sendo de condição divina,

Não julgou como um bem a ser conservado com ciúme

Sua igualdade a Deus, muito pelo contrario.

Ele aniquilou-se a si mesmo,

Assumindo a condição de escravo e

Assemelhando-se aos homens.

E sendo reconhecido como homem,

Humilhou-se ainda mais,

saber melhor o que ele quer e como ele responde. Se passamos a ter um relacionamento com ele, então da mesma forma que aquele casal, queremos ver as coisas como ele as vê e responder como ele responde.

É claro que só poderemos fazer isso perfeitamente quando atingirmos a plenitude de Seu reino; porém costumamos rezar um oração que resume bem o pensamento de Cristo. Nela pedimos para querer o mesmo que Cristo quer. Essa oração é o Pai Nosso. Pediram a Jesus que nos ensinasse como rezar, e o que ele fez foi nos dar uma lista de coisas para as quais rezar. *Bendito seja o Vosso nome:* que desejemos apenas o verdadeiro Deus, e não deuses inferiores como dinheiro e poder. *Venha a nós o Vosso reino, seja feita a Vossa vontade:* que amemos a Vós e uns aos outros, que é o verdadeiro sentido do Reino. *O pão nosso de cada dia nos dai hoje:* notem que é “*nos dai*” e não “*me dai*”; e assim rezamos para que os frutos desta terra sejam dados a todos. *Perdoai as nossas ofensas como nós perdoamos a quem nos tem ofendido:* aqui voltamos a rezar pela plenitude do Reino, onde todos se reconciliam uns com os outros e com Deus. E finalmente, “*não nos deixais cair em tentação*”: que não sejamos desviados do caminho por desejos menores.

A mais simples porém mais profunda descrição de vestir o pensamento de Cristo são estas estrofes do hino de São Paulo:

Fazendo-se obediente até a morte, e morte de cruz!

Por isso Deus o exaltou grandemente,
Ele lhe deu um nome
Que está acima de todo nome,
Para que ao nome de Jesus
Se dobre todo joelho,
No céu, na terra e debaixo da terra.
E toda língua proclame,
Para a glória de Deus Pai,
Jesus Cristo é o Senhor!”

“Ele embora sendo de condição divina, não julgou como um bem a ser conservado com ciúme sua igualdade a Deus, muito pelo contrário. Ele aniquilou-se a si mesmo, assumindo condição de escravo, e assemelhando-se aos homens.”(Filip. 2:6-7). A continuação do hino descreve como Cristo continuou a se esvaziar a si mesmo na cruz, mas conclui com ele voltando a ser preenchido com a sua divindade.

Este esvaziamento e final preenchimento é talvez a melhor forma de descrever a mente de Cristo. Portanto não deve surpreender que, quantos mais frequentes sejam os nossos encontros com o Senhor Ressuscitado, mais profundamente nos conectamos com ele, aprendemos os seus caminhos e mais encontramos o convite e a graça de nos desapegarmos de nossos próprios egos. Em outras palavras, à medida que me conecto mais com ele, posso descobrir que, por exemplo, enquanto o imagino ao meu lado ao andar no corredor para fazer uma apresentação, as palavras que competem com a Palavra pela minha atenção são apagadas. Ou talvez, ao dirigir em uma estrada e me concentrar em sua presença e sua consciência de mim, eu busque ceder espaço para que um carro que entra na estrada pela direita possa passar na minha frente. Ou ainda, ao preparar uma homilia, eu me preocupe menos em proferir a melhor de todas as homilias e me concentre mais no que Jesus, meu “alter-ego”, quer que o seu povo escute.

Santo Inácio finaliza os *Exercícios Espirituais* com a Contemplação para Alcançar o Amor Divino. O elemento central da Contemplação é o *Suscipe*, que começa com, *Tomai, Senhor, e recebei*.¹⁴ Esta oração, que vem depois que o exercitante já ponderou sobre todos os dons que ela recebeu de Deus, é uma expressão simultaneamente de esvaziamento – *Tomai, Senhor, e*

¹⁴ Ex. Esp. 234

recebei – e de ser preenchido – dai-me somente o seu amor e a sua graça.

Cristo comunica o que é importante para ele pessoalmente ao nos mostrar o quanto ele nos ama, ao compartilhar o que ele está pensando – o que importa para ele – e ao nos convidar para “vestir” o seu pensamento e assim pensar e sentir como ele. Apesar de os rápidos encontros relacionados aqui não darem tempo para a leitura das Escrituras, ou para refletir sobre o que aprendemos sobre Cristo através da comunidade cristã, ou mesmo por experiência própria, notem que trazemos uma percepção pré-concebida de Cristo para essas experiências – da mesma maneira que bons amigos trazem a história de seu relacionamento para cada novo reencontro. Esse encontro se constrói sobre o passado, baseando-se nele para se tornar mais significativo, podendo trazer um significado mais rico para a história em si.

C. Palavras de Promessa

Ao final do almoço, Jorge e Tom fazem uma promessa implícita de levar a sério o que cada um compartilhou e de continuar a amizade. Agora suponhamos que alguns dias depois daquele almoço eles se encontrem por acaso no centro da cidade ao meio-dia, ambos andando apressados em direções opostas da calçada cheia. Surpreso, Jorge vê Tom vindo em sua direção e exclama, *Tom!* – que, também surpreso, responde, *Jorge!* Tom imediatamente diz a Jorge: “Tenho rezado pela sua esposa – como é que ela está?” “Vai ser operada na semana que vem.” “Vou continuar rezando.” “Obrigado, e boa sorte para o seu filho conseguir o emprego de professor.” “Se cuida.” “Te ligo.” Este rápido encontro tem todos os elementos de um breve encontro com Cristo. No início, o reconhecimento imediato e a percepção do outro. Depois, o foco no sentimento pessoal que cada um

comentou no almoço. Em seguida, uma promessa para o futuro, de continuar a valorizar esse sentimento e de voltarem a se conectar.

Lembremos aqui que Cristo prometeu estar sempre conosco, e que a qualquer momento que o encontramos, essa promessa é cumprida e também renovada. Tanto em nossos encontros quanto em nossas orações, nós também queremos fazer uma promessa. Raramente seria simplesmente dizer: *Eu prometo voltar a Te encontrar*, apesar de isso poder ser suficiente. Nossa promessa seria melhor expressada se utilizássemos uma versão resumida da sugerida por S. Inácio nos *Exercícios*, para terminar um sessão de oração com um colóquio: “Fazer um colóquio é falar exatamente como um amigo conversa com outro.”¹⁵ Comentando o colóquio para a Segunda Semana ele acrescenta: “Segundo a luz que recebi, eu rogo pela graça de seguir e imitar Nosso Senhor ainda mais de perto.”¹⁶ Em outras palavras, nós queremos buscar nossas palavras de promessa naquilo que acabamos de experimentar em nosso encontro com o Senhor. Mas isso não é diferente do que Tom e Jorge fizeram ao final do seu almoço ou quando se cruzaram na calçada movimentada!

Resumindo: ponha algo em palavras – seja um pedido, uma descoberta, um agradecimento. Depois, não ensaie as palavras com antecedência, fale de uma vez, mas com palavras verdadeiras em frases completas, dando sentido ao todo. Apesar das nossas experiências mais profundas – incluindo nossas experiências de Deus – transcenderem as palavras, nós precisamos delas para entender essas experiências e conectá-las com o resto de nossas vidas. Por isso S. Inácio sugere o colóquio após a oração nos *Exercícios*, e por esse motivo eu proponho que encerremos

¹⁵ *Ex. Esp.* 54

¹⁶ *Ex. Esp.* 109

nossos encontros com Cristo – incluindo nossas orações diárias – com palavras.

IV. A Imaginação e o Cristo Ressuscitado

No início deste artigo descrevi a conexão com o Cristo Ressuscitado como uma conscientização de que ele está ciente de nós. Entretanto, até agora não dei atenção à pergunta, *Com o que ou com quem estou me conectando?* A resposta óbvia é que estamos nos conectando com o Cristo Ressuscitado. Mas ninguém sabe a verdadeira aparência do Senhor Ressuscitado; e sobre vários aspectos, como ele é Deus, não podemos vê-lo como é. É aí que a nossa imaginação entra em jogo. Mas esta não é tipicamente a mesma imaginação que usamos ao fazer os Exercícios Espirituais.¹⁷ Nestes breves encontros que descrevo aqui, nossa imaginação geralmente foca diretamente no Senhor Ressuscitado, e normalmente não voltamos às cenas do Evangelho a não ser para nos lembrarmos delas como parte relevante da vida do Senhor Ressuscitado.

Para entendermos melhor, vamos considerar os trechos que relatam a Ressurreição. Em todos esses trechos há a sensação de uma presença que não é imediatamente reconhecida pelos presentes na cena. Em seguida, Jesus faz algo para associar aquela presença às memórias que os discípulos tinham dele antes de morrer. Assim, por exemplo, na margem do mar de Tiberíades, Jesus fala para os discípulos que estão pescando: “Rapazes, já pescastes alguma coisa?” (João 21:4). Quando a resposta é negativa, ele diz: “Lançai a rede à direita da barca e achareis!”

¹⁷ Ver, por exemplo, o Segundo Prelúdio da contemplação da Encarnação e da Natividade (*Ex. Esp.*112) ou os três pontos para a mesma contemplação (*Ex. Esp.*114-116). Na quinta e última contemplação para a Encarnação e a Natividade, S. Inácio especifica o uso de cada um dos sentidos exceto o paladar (*Ex. Esp.* 122-25). Ele quer que entremos na cena do Evangelho com a nossa imaginação.

(João 21:6). Eles fazem isso e a rede transborda de peixes. Então, com essas palavras familiares que lembram o chamado para os primeiros discípulos, o discípulo a quem Jesus amava exclama: “É o Senhor!” (João 21:7). Da mesma forma, os outros trechos sobre a Ressurreição também sugerem que o Senhor Ressuscitado a princípio não é reconhecido mas em seguida faz algo que possibilita aos discípulos ligarem aquela presença com suas memórias de Jesus antes de morrer – por exemplo, “Maria!” (João 20, 16), “Coloca aqui o teu dedo” (João 20, 27), e no partir do pão (Lucas 24, 30-31.35).

Aqui surge a pergunta: porque não o reconhecem imediatamente? Para responder esta pergunta, devemos lembrar que o Cristo Ressuscitado está pleno em sua divindade, e que, segundo a antiga tradição israelita, nós não podemos ver Deus face a face e sobreviver (Êxodo 33, 20). Na primeira carta de João, ele nos diz que depois da nossa ressurreição, nós nos tornamos semelhantes a Deus porque contemplamos Deus face a face (1 João 3, 2). Mas no momento presente nós não podemos ver Deus ou o Cristo Ressuscitado diretamente. É demais para o ser humano. Então essa presença precisou ser reduzida, por assim dizer, para algo mais compreensível para os discípulos. Estimulados por palavras ou ações de Jesus que remetem às memórias que têm dele antes de morrer, eles conseguem ver uma versão glorificada do Jesus que lembram. Será que o Cristo Ressuscitado ajustou suas imaginações para ajudá-los? Não sabemos; mas o que sabemos é não havia nenhuma maneira que eles poderiam ter compreendido a plenitude do Cristo Ressuscitado como ele realmente é.

Aqui está um ponto importante que pode ajudar nos nossos encontros com o Senhor. Será que o Cristo Ressuscitado estava plenamente presente para os discípulos? Com certeza. Mas o Cristo Ressuscitado também estava do outro lado do universo e

além: ele estava à direita da mão do Pai; ele estava e está em toda parte. Na verdade, o Cristo Ressuscitado está tão presente para cada um de nós a qualquer hora e em qualquer lugar como ele estava para os discípulos logo após a Sua Ressurreição. Assim, dizer que ele está menos presente em qualquer lugar seria negar a sua divindade.

Isto significa que podemos e talvez devemos usar a nossa imaginação para ajudar a nos conscientizarmos de sua presença constante. E se a sentirmos como uma presença amorosa, não estamos enganados, pois sabemos que Deus é amor (1 João 4:8). O que não quer dizer que a sua presença não seja desafiadora, profética, ou, às vezes, desconfortável para nós. Tampouco é necessário ter imagens idealizadas de sua presença: não precisamos imaginar a cor de suas sobrancelhas ou o comprimento do seu cabelo; focar nesse tipo de detalhe pode até atrapalhar. Nosso encontro requer simplesmente a sensação de uma presença amorosa que está profundamente consciente de nós e que nos ama mais do que somos capazes de imaginar.

Assim, ao desenvolver nossa relação com Cristo, precisamos deixar que a imaginação nos ajude ao longo do dia, e não apenas na oração formal. Por exemplo, suponhamos que eu estou sentado no meu quarto ou escritório, com um tempo disponível antes de sair ou ver alguém. Posso tirar um minuto para imaginar sua presença no quarto, me conscientizar que ele me percebe amorosamente, talvez me tornar brevemente ciente de suas preocupações e esperanças para mim e o nosso mundo, e depois finalizar com um rápido agradecimento ou um pedido para sua ajuda ou uma graça específica. Toda a sequência levaria apenas alguns segundos, e alguns dos nossos pensamentos podem nem precisar de palavras. O que importa é que por mais rápido que seja o encontro, nos conectemos com o Senhor. Se fazemos isso vez por outra ao longo do dia, estimulamos nossa conscientização

da sua presença nas nossas vidas e aumentamos a nossa compreensão do que nosso relacionamento com ele significa.

Apesar de ser desnecessário ter representações idealizadas dessa presença amorosa, imagens podem ajudar e de fato ajudam a nos conectar com o Cristo Ressuscitado. E apesar de existirem inúmeras imagens da presença do Cristo Ressuscitado, pode ser de ajuda aqui estabelecer três categorias, baseadas nas três principais festividades do período da Páscoa – Páscoa, Assunção e Pentecostes – para ilustrar cada tipo com um ou dois exemplos. A Páscoa nos apresenta imagens do Cristo Ressuscitado próximo de nós, fazendo parte e envolvido no nosso mundo. Jesus está falando conosco, andando ao nosso lado, nos ajudando a pescar, comendo conosco, e tudo mais. Isso sugere uma abundância de imagens do Cristo Ressuscitado nas nossas vidas diárias. Ele está presente neste aposento comigo; ele está dando um passeio comigo; ele está dentro do meu carro comigo; ele me acompanha quando ministro. Suponha, por exemplo, que eu estou dirigindo sozinho para algum lugar. Porque não tirar alguns instantes para me conscientizar de que ele está ali e me percebe? Eu poderia talvez esticar a minha mão e imaginar estou segurando a dele. Devo confessar que esse gesto específico me tornou mais educado ao volante, e já fui taxista! Ou por um instante imaginar que ele está andando ao seu lado enquanto você percorre o corredor: deixe que alguns pensamentos bons venham, e agradeça a ele pela sua presença. Às vezes misturo as imagens. Eu o imagino comigo em algum lugar e ao mesmo tempo o imagino chorando sobre Jerusalém, nesse momento como “Jerusalém” sendo todas as partes do mundo moderno que são devastadas pela fome e a violência.

A Ascensão traz um conjunto de imagens completamente diferentes. De acordo com a Ascensão, onde está Jesus e o que ele está fazendo? No Kyrie nos dirigimos ao Cristo Ressuscitado

dizendo, *Senhor, que intercedeis por nós junto do Pai, tende piedade de nós*. Muitos de nós tivemos a experiência de precisar chegar a alguém com poder ou autoridade. Se precisamos de um favor de uma pessoa muito importante e um amigo nos diz: *Vou jantar com ela amanhã à noite e vou transmitir suas preocupações para ela*, ficaríamos muito gratos. Bem, então, nós temos o Senhor do universo intercedendo por nós neste instante no coração da Trindade! Por esta razão, eu tenho certeza que a Trindade está amorosamente consciente de mim e das minhas preocupações, e isso está exemplificado na imagem de Jesus intercedendo por mim. Então, por exemplo, quando estou seriamente doente sentindo o isolamento que costuma vir com a doença; eu tiro um momento para me conscientizar da presença de Jesus e me conectar com ele, ciente de que a mesma presença está me representando no coração da Trindade. Isso não vai necessariamente afastar a minha doença, mas aprofundar a minha conscientização de seu amor por mim e me conceder uma apreciação mais profunda de sua compaixão avassaladora.

Finalmente, Pentecostes oferece outro conjunto de imagens. Se a Ascensão nos eleva ao coração da Trindade, então Pentecostes traz a Trindade para dentro de nossos corações. Aqui posso imaginar o Cristo Ressuscitado fazendo sua morada dentro de mim. Lembro que vários anos atrás, durante um retiro em uma velha casa de fazenda nos arredores de St. Louis, me senti inquieto durante um dos meus períodos de oração e decidi andar por um pequeno vale para encontrar o Cristo Ressuscitado. Ao me aproximar do local do encontro, tive a sensação de algo se movendo atrás de mim à esquerda. Pode ter sido qualquer coisa, um animal, a brisa movendo um galho, o que fosse – mas escolhi dizer ao Senhor, *bem, obrigado, Você está a caminho para me encontrar*. Quando cheguei ao lugar do encontro parei, esperando ele chegar. Nada aconteceu. Depois de dois ou três minutos, comecei a voltar morro acima. Disse ao Senhor: *bem,*

pelo menos Você me deu aquele leve movimento enquanto eu estava descendo. Imediatamente um pensamento veio na minha cabeça: *Ed, onde você acha que eu tenho estado todo esse tempo? Sim, aí dentro de você!* Aquela experiência permaneceu comigo, e muitas vezes imagino o Cristo Ressuscitado dentro de mim e às vezes dentro dos que estão à minha volta. A experiência do meu retiro levou vários minutos, e no meio de uma oração formal, apesar de inquieta. No entanto, normalmente essa sensação de ele estar dentro de mim dura apenas alguns segundos, sempre iniciando com minha conscientização de que ele está dentro de mim e ciente de mim.

V. Uma Resumo Prático

Já que Jorge e Tom serviram como exemplo de um tipo de relacionamento pessoal, vou convidá-los a nos levar por alguns breves encontros com o Cristo Ressuscitado.

Jorge está dirigindo seu carro a caminho de um simpático restaurante italiano para almoçar com Tom. Ele estava conversando com a sua mulher sobre a recente consulta que eles fizeram ao médico por causa do câncer dela, a preocupação com a saúde dela pesa na sua mente. Ele decide se encontrar com o Senhor. Começa por se conscientizar de que Cristo está muito ciente dele e sentado ao seu lado no carro. Ele pode até estender a mão e imaginar que está tomando a mão de Cristo. Com ou sem palavras, ele transmite suas preocupações a Cristo e imagina Cristo envolvendo a ele e sua esposa. Ele então coloca a sua preocupação e seu pedido a Cristo em palavras de fato e agradece a Cristo por sua compaixão.

Tom está no seu escritório esperando a chegada de um colega de trabalho. Ele tira um instante para se tornar ciente da presença amorosa de Cristo e de sua consciência dele. Ele se

envolve nessa conexão por um momento, escuta o seu colega vindo no corredor, e se vê pedindo pela compaixão amorosa de Cristo para Jorge e a sua esposa.

Mais tarde naquele dia, Tom está andando para o seu carro. Ele decide imaginar que o Senhor está andando com ele. Ele se faz ciente de que Cristo está ali e amorosamente consciente dele. Ele não tem um compromisso definido e simplesmente tem prazer na ideia de estar andando com o Senhor. Isso dura algum tempo, porque o carro está a uma certa distância e porque o percurso é fácil e sem distrações, apesar de Tom ficar um pouco distraído ao tentar manter o passo com Cristo. Ele finaliza o encontro expressando sua gratidão a Cristo por estar com ele.

Finalmente, no início da tarde, Jorge está sentado no seu escritório pensando sobre o câncer de sua mulher, preocupado com o que fará se for fatal. Como vai sobreviver sem ela, e as crianças? Ele se vira para Cristo como fez antes, se conscientizando. Ele imagina a compaixão de Cristo por sua esposa e também por ele e os filhos. De alguma forma a imagem terrena de Cristo chorando por Jerusalém entra na sua mente, e com isso a ideia de todo o sofrimento terrível que as pessoas estão sentindo no mundo naquele momento entra no seu pensamento. Por um instante ele se pergunta: *como pode Cristo se preocupar comigo e com a minha família quando tanto sofrimento trágico está acontecendo em toda parte?* E no entanto ele sabe que o amor e compaixão de Cristo por sua família é real. Ele conclui pedindo ao Senhor para ajuda-lo a esvaziar-se mais completamente de si mesmo para que ele possa amar sua mulher e seus filhos da forma que precisam ser amados, e não se preocupar consigo mesmo.

VI. A Oração Regular

O foco deste artigo é a conexão com Cristo por meio de encontros curtos ao longo do dia. Muito do que escrevi se aplicaria a uma oração mais longa também, mas esse não foi o meu tema principal. Entretanto não quero deixar a impressão de que a oração regular diária mais longa não é importante. A oração regular desempenha um papel essencial na nossa relação com Cristo, da mesma forma que encontros demorados ou tempo junto são importantes em qualquer relacionamento humano. Vou mencionar duas maneiras em que nossa oração regular também serve como âncora para encontros mais breves.

Primeiro, precisamos ter calma em nossas vidas para chegarmos mais rapidamente a esses encontros breves. Isso não significa que precisamos de um período de silêncio antes de começar o encontro, mas que necessitamos de um silêncio interior para que possamos nos conscientizar de Cristo sem muito barulho de fundo. É como ser capaz de ouvir alguém que quer falar sobre algo sério. Precisamos ficar quietos para escutar, e nossa oração regular mais longa ajuda muito a criar o silêncio interior necessário para ouvir ao outro e para nos conscientizarmos de Cristo com mais frequência ao longo do dia.

Segundo, a oração regular não apenas possibilita esses encontros, como também nos ajuda a construir nossa relação com Cristo tanto durante, quanto além desses encontros. A oração regular nos dá a oportunidade de ponderar sobre Cristo, o que difere um pouco de conectar com Cristo. Significa tomar tempo para absorver quem ele é e como ele está comprometido com a minha vida e no mundo ao meu redor. Luke Timothy Johnson compara “conhecer a sua mulher” a “conhecer Cristo”, e dois aspectos que ele considera pertinentes a ambos os

relacionamentos são “atenção” e “meditação”.¹⁸ Ponderando ou contemplando Cristo, seja pelos relatos das Escrituras ou de pela sua presença em nossas vidas diárias, não pode acontecer de fato com frequência em nossos curtos encontros. Precisamos de tempo e espaço para absorver a realidade do amor e da vida de Cristo, e vestir a mente de Cristo. A oração regular e a quietude são essenciais para isso.

Podemos acrescentar o uso de elementos de conexão, significado compartilhado, e palavras de compromisso em nossa oração regular também. Conectar por me conscientizar de que ele está ciente de mim é sempre uma boa maneira de começar a oração, e dizer algo em uma frase completa é uma boa maneira de encerrar qualquer tipo de oração. E existem inúmeras formas de compartilhar sentimentos pessoais. Rezar por meio das Escrituras é quase sempre deixar o Senhor compartilhar o significado da sua vida comigo, e a minha resposta ao que leio, escuto ou recebo envolve compartilhar meu sentido pessoal com ele.

Conectar, ou neste caso, reconectar, é também uma boa forma de se recuperar de distrações durante a oração. Quando percebo que minha mente se distraiu, posso voltar para onde comecei e reconectar com Cristo ao novamente me conscientizar de que ele é ciente de mim. Na verdade eu parei de me desculpar pelas distrações, desde a vez que o senti rindo de mim e dizendo “*Vamos lá Ed, pare de focar em você e olhe para mim!*” Aliás, apenas permanecer na conscientização de que ele está ciente de mim e ficar com aquela imagem ou pensamento pode às vezes ser todo o conteúdo da oração regular, mesmo se provavelmente será necessário reconectar periodicamente e voltar se houver distrações.

¹⁸ Johnson, *Living Jesus (Vivendo Jesus)*, 60-74.

VII. Algumas Considerações Pessoais

Um perigo ao escrever sobre espiritualidade é que sempre faz parecer que a vida espiritual é mais organizada do que é de fato. Esclarecer pensamentos sobre a experiência humana costuma requerer organizar as coisas em categorias para então apresentá-las de forma ordenada. Infelizmente, a experiência real nem sempre se encaixa nas categorias e definições que apresentamos. Não há duas pessoas que rezam da mesma forma e muito provavelmente uma experiência de oração nunca se repete da mesma forma, nem para a mesma pessoa. Tendo dito isto, me permita fazer algumas observações sobre a minha experiência desses encontros breves.

Nas páginas anteriores discuti a conexão com o Cristo Ressuscitado durante curtos períodos de tempo ao longo do dia. Apesar do começo desta prática parecer artificial, torna-se mais natural ao ser praticada. Após um tempo passamos a desenvolver uma sensação da presença de Cristo ao fundo, mesmo quando não focamos nele. Nem todo encontro será necessariamente uma intensa sensação de presença e amor. Por vezes pode parecer mais forçado e até relutante da nossa parte, quando em outras pode ser ainda mais intenso. Às vezes pode parecer que ele está tomando a iniciativa mais do que eu, enquanto outras vezes preciso forçar – como em relacionamentos humanos em geral. E, enquanto secura e distração não conhecem limites, devemos lembrar que o valor está não apenas em cada encontro individual, mas no relacionamento como um todo, e que os benefícios são incomparáveis. Assim, aos poucos cresço na convicção de que nunca estou sozinho, e que mesmo em tempos sombrios posso confiar que o sentido pleno e a realização da minha vida está tanto ao meu lado quanto dentro de mim.

Não sei dizer quanto tempo duram esses encontros para mim. Geralmente duram pouco – segundos – mas sei que por vezes levam mais tempo; e às vezes – especialmente quando estou dirigindo - muito tempo; ou mais especificamente, eles vão e voltam durante um período mais longo. Também não sei dizer com que frequência faço isso ao longo de um dia, não que sejam tantas vezes que não consigo contar! Meu instinto me diz que nunca devo começar com um número específico em mente; minha meta deve ser apenas de fazer e depois ver o que acontece. É interessante notar que não consigo me lembrar quando ou mesmo porque comecei a praticar esses encontros na minha vida. Só comecei a refletir sobre o exercício nos últimos anos, apesar de saber que eles começaram muito antes.

VIII. Com Gratidão para Ele

Antes de entrar na Companhia de Jesus eu não era uma pessoa que se dedicasse a rezar. Ia para a missa no domingo, e nisso se resumia a minha prática religiosa. A minha vocação surgiu do nada e não esperava permanecer nos jesuítas. Porém desde a primeira noite dos Exercícios, que naquela época fazíamos em outubro, tudo mudou. O retiro em si foi uma revelação extraordinária para mim. Se ao entrar no retiro eu tinha pouco ou nenhum conhecimento sobre Cristo, saí com uma visão muito diferente. Certamente muito ainda iria mudar na minha vida com o passar dos anos, e muito ainda precisa mudar. Mas quando saí dos Exercícios naquela primeira vez, senti que eu havia sido transformado, apesar de saber que era apenas o começo.

Um dia, provavelmente várias semanas após o fim do retiro, eu estava na vila dos noviços perto do noviciado. O tempo estava nublado há alguns dias, o que não é comum para St. Louis naquela época do ano, parecia que não víamos o azul do céu há semanas.

Enquanto caminhava do lado de fora, as nuvens abriram um pouco e manchas de azul apareceram. Fiquei muito entusiasmado! Apesar do sol não ter aparecido, me senti como se tivesse sido transportado para um pedaço do paraíso. Enquanto admirava o céu, veio o pensamento de comparar isso com a minha nova experiência de Cristo. Mesmo que fossem apenas algumas manchas de azul, elas eram maravilhosas comparadas com a ausência de azul anterior. Pensei na semelhança com a minha relação com Cristo: antes não havia nada; mas agora, até este pouco era maravilhoso.

Tem havido momentos difíceis nos meus anos como jesuíta, como acontece com todos. Houve dias em que o céu pareceu ainda mais escuro do que apenas nublado com uma luz tênue. Talvez esses períodos sejam necessários para nós, à medida que precisamos aprender a amar, confiando na presença amorosa de Deus apesar de não a sentir. Sem dúvida contribuí para trazer a escuridão. Porém nestes últimos anos da minha vida, o sol aparece com frequência; e apesar do céu não estar totalmente limpo, certamente há muito azul. Não saberia dizer se a prática desses encontros frequentes com Cristo foi o motivo, ou se o próprio Deus causou esses encontros ao aumentar a sua luz. Talvez, como acontece com tanto na vida, sejam as duas coisas. De qualquer forma, continuarei com os encontros diários porque sei que ele está aqui, porque confio no seu amor por mim, porque gosto do fato de que ele está começando a diminuir o ego em mim (um pouco!), e acima de tudo porque sou grato pela enorme alegria que tem sido este seu dom maravilhoso.